



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

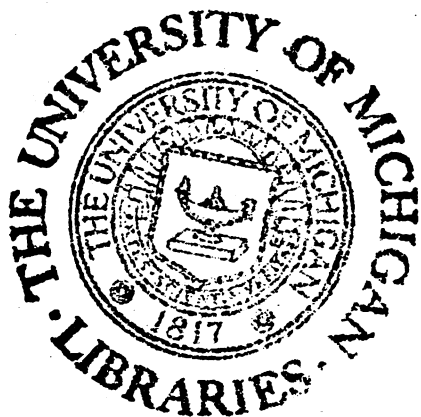
Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



COLLECCÃO^s §

DE

VARIOS, E INTERESSANTES ESCRIPTOS

DO

P. José Agostinho de Macedo.



PUBLICADA

PELA SOCIEDADE PROPAGADORA DAS
BELLAS LETRAS.



LISBOA.

TIP. DA SOCIEDADE.

Calçada do Moinho de Vento N.º 25,

1838.

869.8
M143ch

ERC

Estes folhetos tem de sair com a regularidade no dia 1.º de cada mês.

Achar-se-ham á venda na loja do Commissario da Sociedade [rua Augusta N.º 137], e nas mais do costume; Preço 60 reis.

1.º *Folheto.*

SATIRA

DIRIGIDA PELO P. JOSE AGOSTINHO DE MACEDO
AO BEM CONHECIDO POETA
MANOEL MARIA BARBOZA DE BOCAGE.

Sempre, ó Bocage, as Satiras serviram
Para dar nome eterno, e fama a um tolo.
Vive Crispino, e Clovieno, e Coidro
De Juvenal nas Satiras sublimes;
E d'Horacio o rival deu nome, e fama
Ao pedante Cotim, e eu não quizera
Teu nome eternizar; mas a verdade,
A justiça, a razão mais alto bradam,
E o flagello da Satira merece
Teu estouvado orgulho, e audacia tua.
Não ataco a virtude, ataco o vicio;
Nunca se imputam naturaes defeitos,
O crime da vontade é só punivel.
Com semblante de Satyro podias
Ser Poeta, e Philosopho prestante:
Foi Socrates enorme Pope horrendo,
Era pequeno, e barrigudo Horacio;
Nem ser pobre se oppoem ao genio, ás artes,
Foram pobres Camoens, Horacio, e Tasso.
Nem ser vadio n'um Poeta é crime;

Nunca um Poeta bom teve outro officio.
Tu és magro, és vadio, és pobre, és feio.
E nada d'isto ent' ti reprovo, e não to:
Mas posso emudecer, quando contemplo
Que queres ser um ~~despota~~ *despota* em Poesia,
E que, arrojando-te do Parnazo ao cume,
Ouves já, sobranceiro ao charco imundo,
Gritar as rãs, e insectos paludozos!
Quem tão ferreo será que se contenha,
Quando as estatuas vir, que tu, soberbo,
Enramadas de louro a ti consagras!
Que um Deus te inspira, que servendo em estro
Improvisos oráculos arrostras!
~~Fanfarrão glosador, chamaas divinas,~~
Celeste inspiração, celeste fogo,
Gritando amplificar sedigos motes
E mercecer d'officio um *bravo*, um *bello*!
D'um vão peralta ou dama enfatuada,
Que pede ao Ceu que o trovador se calle,
E que se escute a voz do chega a pares:
Onde o maligno, e folgazão Cupido
Faz mais conquistas, mais escravos prende,
Que enfermos mata um Medico no Outono,
E que tu fazes traducções, e quadras,
Que Theonio já fez ha quarenta annos.
Quem tão ferreo será, torno a dizer-te,
Que a douta penna em tocitos não molhe,
Quando te ouvir queixar de iniquo, injusto,
Innumeravel esquadrão de Zoilos,
Que em vão procura denegrir teu nome.
Traductor d'aluguel, quem são teus Zoilos?
Tu, que a soldo de um Frade ao Mundo imbutes
Rasteiras copias de originaes soberbos?
Que vulto fazes tu? quaes sam teus versos?
Teus improvisos quaes? glosar trez motes,
Com lugares communs de facho, e setas,

Velhos arreios do Menino **Idalio**? achue as pontas do
Glosar, e tradunt, isto é **ser Vale!**
Deitas-te a perder, que a **Natureza**
Não te negou seus dons; é **dôce**, é **terno**,
Delicado é também quando **constante**
Aonde o berço tem nascido o dia.
Sê como justo sou. Mas a **soberba**
Fez celipsar a luz, que em ti **rajava**.
N'um pelago de orgulho **submergiste**.
O genio teu; mediocre **ficaste**,
E se os **Deuses**, se os **marmores**, se os **homens**,
Negam o nome, e as honras de **Poeta**
Aos **Auctores** mediocres, acaso
Ao **Traductor** mediocre o **dariam**?
Que te pode abonar a **eternidade**?
A **dubos**, **manteiga**, **traça**, e **tudo**,
Que se **embrulha** em papéis de **ineptos Vates**.
Nunca pode subir da **Fama** ao **Templo**
Um **servil Traductor**: Não se **franqueiam**
As **aureas portas** que o **Párnazo** **fecham**
A **alugados** **interpretes** dos **outros**.
Ninguém te **inveja**, te **persegue**, e **morde**,
Que uma **emprestada luz** ninguém **deslumbra**.
Fitam-se os **olhos** meus na **argentea Lua**
Sem **molestia**, sem **dor**; que **astro nocturno**
Só **brilha** com o **clarão**, que o **Sol** lhe **empresta**;
Vem de **outres** a **luz**, se em ti **reflete**
Apenas **manda** **amortecidos raios**.
Se o **rival** de **Vergilio**, o **grão Delille**;
Ouvra **aquelle** **sonoroso verso**
„A **azul-ferrete**, a **encarnada**, a **branca**,“
Com que **amenos jardins** **tornaste** em **matos**,
No **tribunal** de **Apollo** elle **querelára**
Do **insulso Traductor**, **Vate d'Outeiros**:
E **arrotas** nome **eterno** e te **promettes**

Das letargicas ondas ~~estendidas~~,
 Brilhar com propria luz, e a eternidade;
 Levar comtigo a Patria, e as obras tuas;
 Em torvos ~~lagoas~~ deitoh envelho.
 O Luzitano Chora, excepto os astros
 Brilhantissimos veados que exaltas;
 Gado, entre o qual cornigero levantas
 Mais orgulhosa a frente, por que insencam
 As traducções, que estelido assosalha?
 E chamas douta prefacção das Plantas
 Ao proprio liquor teu, que impune entoa?
 Só tu te podes dar, que essa injustiça
 Não cabe em versos de avizados Vates.
 Não foi soberba no Cantor de Mantua,
 Agourar a seus versos noite eterno.
 Pela noite dos seculos rompendo,
 Tinha composto a Eneida; e se Horacio
 Diz que hade lido, ser-te onde Apollos
 Dos ultimos Celos seus raios manda;
 O mesmo Apollos em Cisna o transformára.
 Para poder voar d'um pelo ao outro,
 Nas pandas azas de fozozos hymnos;
 E se de Amor o interpreta, se Ovidio
 Promete aos versos seus que nam de Jove
 As iras e rançor, de Jove os raios
 A força sempre indomita dos annos,
 Ham de trazer-lhe esquecimento, ou morte.
 Tinha cantado os transmutadas corpos
 Em novas formas. Que cantas-te, Elmano,
 Que possa asoberbar da idade a forga?
 A modestia, é brazão de um genio illustra;
 Dar-se a si mesmo um nome é vicio, é balda.
 Procura merece-lo, e deixa ao Mundo,
 Deixa ao futuro seculo o cuidado,
 Que antecipado tens de dar-te um nome;
 Teve Zoilos Homero, e os teve aquelle

Que expoz, cantando, do Troiano as armas;
 Também Tasso os sentio, mas por que aos Astros
 Poude subir nas azas da Epopeia;
 A inveja o perseguiu, foi muda a inveja
 Depois que em cinzas se tornou seu corpo.
 Mas que cantas-te tu de inveja digno?
 A ferrea Olina que ninguem conhece;
 E os loucos zelos de uma vil rascaõ;
 Se te tiram das serpes enroscadas,
 E das furias cruéis de Phlegeton;
 Se sai do peito teu o Inferno, a monte,
 Nada mais sabes dar, ficas qual foste,
 Secco, infecundo, caranguejo em versos.
 Sam em ordem retrograda ja lidos
 Versos que urdido tens, depois que o estro
 Deixas-te nas Gangeticas ribeiras;
 Deslocados fogachos que não sabem
 Colligir-se entre si. Bem disse aquelle
 Que imparcial tem lido as obras tuas,
 Carregadas d'anthithozes, de tantas
 Infadonhas metáforas aos paros,
 Que lido um verso teu sam lidos todos;
 Infadonha cruel monotonia,
 Que aos ouvidos armonicos estafa.
 Sê grato aos Vates que te soffrem mudos.
 Festeja a tua Olina, e glosa em annos:
 E para teres pão traduz mais versos,
 Olha o Pindaro novo, olha o Sophocles,
 O novo Horacio, que persegue o vulgo
 Nos subalternos Vates, que não podem
 Erguer á umilde traducção seus versos;
 Quem te ouvir Rhadamanto da Poesia,
 Dirá que trajas Tragicos coturnos,
 Que embocaste a trombeta da Epopeia,
 Que tens mais estro, mais furor que Estacio.
 Dize que o verso é teu, que este não morre,

Se bochechudo, e enfático repetes :
 » Se lária baquear baquea o Mundo :
 E dado que se encontre [o que eu te nego]
 Em algum dos Auctores, que escreveram
 Cá desde Castanheda ao máu Piloto
 Do Comboio das petas, e mentiras,
 O verbo baquear delle ignorante,
 Da queda o effeito pela queda toma.
 Grita, espuma em publico, e nas Praças
 Cercado de Aguadeiros, e Marujos;
 Mas louva-te a ti mesmo. Ah! pobre Elmano!
 Doente imaginario não te queixes.
 D'um mal que inda não sentes, nem mereces.
 Tu, danado Aristarco, a todos ladras,
 Sabujo impertinente a todos mordas.
 Nos outros pões sem pejo as baldas tuas,
 E queixas-te da Satyra! Foi justa
 De Talião a pena. E quem te escapa
 A' dentada satyrica? abocanhas
 A virtude, e saber de um genio activo,
 Por que estudou da Europa as eultas linguas,
 E a patria vantaja o estuda, e serve.
 Que te fez Melizeu, se a fome e os annos
 Lhe deixam crima, e transversal a boca?
 Chamas por mósa tonsurado a Elmiro
 Propria escolha não foi de Elmiro o estado.
 Dizes que é baixo, e coixo o Transtagano,
 Dulcissimo Belmiro, e que não vòs?
 Não voão tanto as Pombas como as Aguias;
 Mas todas tem lugar no aerio espaço.
 Pindaro é forte, Anacreonte é brando;
 Ambos Poetas sam, tem no Parnazo
 Lugar diverso, e no Parnazo existem.
 Se um genio triste estoa a Nenia triste,
 Que é guarda mór do cimiterio exclama
 Josino é melancolico, e risinho,

Engraçado Escavor, Poetas ambos:
 E' Melpomne Musa e Musa Erato.
 Se a ninguém dás louvor, ninguém t'insensa;
 Se queres ser louvado aos outros louva:
 O Mundo é justo, e se o louvor mereces
 O louvor te hade dar: Nunca o silencio
 Foi da inveja o caracter: se emudecem,
 Tu mereces justiciça e indiferença.
 Com prudente apathia o Sabio escuta
 O louvor teu, as invectivas tuas.
 Um cão que se despresa ou calla, ou foge
 Como foge de ti, tímida Oliveira;
 Se lhe fallas de Amor tornado em bruchão
 No Idillio Pharmaceutico inda fôr
 Mais meiga Alecto se de Amor fallasse.
 Arrepiam-se as carnes, e os cabellos,
 A' pobre Musa que te escuta os versos,
 Com torvo rosto desprezando os zelos.
 Eia pois, meu Bocage, lestra em ti mesmo,
 Se queres ser louvado ajunta, aprende,
 Boa moral com sonoras Rimas,
 Não dorme Elmiro, quando chamas Zoilo;
 Nem deixa a Mipha Musa o orgulho impune.



*Julgo que os Amadores das Bellas Letras ham de
 apreciar a leitura da seguinte resposta de Manoel Ma-
 ria Barbosa de Bocage.*

SATIRA

Tu nihil invicta dicis, faciesve Minerva.

Horat. Art. Poetica

Invidia rumpantur est illa Codro.

Horat. Eclog. VII

Satiras prestam, Satiras são boas
Quando nella salumnia o fel não vorte,
Quando a voz de Censor, não voa de Zoilo,
O vicio nota, o mifrito gradua,
Quando forçado, epitheto afrentoso,
[Tal que não cabe a si] não cabe áquelles
Que ja na infancia consultavam Phobos,
Elmiros de Paris, Cotins sam, vigas
No metro de Boileau, mordaz, mas pulchro:
Codros, Crispinos, Clotários sonos
No latido feroc de cães d'Aquino,
D'esse coim qm dral mordendo infinitas,
E cuja fantasia em vão rastejas:
Nos igncos versos, que Veneza illustram,
Nos que ~~lambem a terra e o mar~~
Involtos no ~~lambem a terra e o mar~~
Muitos existem, e a existencia delles
Se pudesse durar seria a tua.
Refalsado animal das trevas socio,
Depoem, não vistas de Cordeiro a pelle.
Da razão, da justiça o dom que arrogas
Jamais purificou teus labios torpes,
Torpes do lamaçal, dondc zunindo
Nuvens de insectos vis te sobem trovas.

A' mente erma de idéas, nua d'arte,
 Como hasde ó Zoilo, eternizar meu nome?
 Se es Pados, permanencia ao teu redaram?
 Se a ponte, que a atravessa o mudo rio,
 Que os Vates, que os Herpes, transpõem seguros,
 Tem fatal boqueirão por onde aborto,
 Trás ao vilipêndio, irás ao nada,
 Ficando em cima ilhézo, honrado o nome,
 Que em dictérios plabeus, em gbulas frases,
 Debalde intentas, submergir sem tigo,
 Empresa-te a razão? Responde, e treme,
 Do Philosopho a thesa, a tez do Amante,
 Ó ar da meditação, a imagem d'alma,
 Em que fundas paixões, a essencia minam,
 Paixões da Natureza, e não das tuas,
 O que parece em mim, á vista abjecto,
 A muita palidez, o olhar sombrio,
 O que, perseguição, desengenhosa,
 Dos cujos trivios na linguagem aponta!
 Que importa, ó Zoilo, ao litterato Mundo,
 Que importa descarnado, e macilento,
 Não ter meu rosto o que alheia os olhos,
 Em quanto nédio, e reschunchudo á custa,
 De vão Festeiro, estúpida Irmandade,
 Repimpado nos pulpitos, que a vilta,
 Afofas teus sermões, varras fazendas,
 [Cujos credores nos Illisies fervem]
 Trovejas, enrouquacas, não comoves,
 Gelas a contrição no capto d'alma,
 Ostentas ferreo Nume, Casa de bronze,
 E a cada berro, minorando a turba,
 Compras na Aldéa do Barbeiro o voto,
 Alli triumphas, e a Cidade enjoas!
 Tu, de cerebro pingue, e pingue face,
 Farizáica ironia em vão rebucas,

Quando a penuria ad' desvalido expobas;
 Que tem com a natureza o que é da sorte;
 Ou dá-me o plañto p'ra attair-lhe as graças;
 [Mas sem que seja escravo] ou não profanes
 Indigência, e moral, quaes tu não citas.
 Põe-me de inutil; de vadio a taxa;
 Tu, que vadio, e errante, obezo, inutil
 As praças d'Ulissea á toa opprimes;
 Ou do bom Daniel na terrea estancia:
 Peçonhas de invectiva expremes d'alma;
 Que entre negros chapros também negreja;
 E ante o caixeiro boquilaberto arrotas;
 Arrotas entre o vulgo a Encyclopædia;
 Fadas; agouras o esplendor que invejas;
 Arranhas mortos, atassalhas vivos;
 Inultas a grandeza; a immuniade
 Do eterno Mantuano, e das a Estacio
 Um grão, qu'entregue ao Deus, qu'ardendo em estro,
 De Thebas o Cantor tentar não ousa,
 Quando a Muza da morte enfreia os voos;
 E quer que a Eneida cá de longe adore,
 De preferencia atroz inda não pago;
 Desgraças ao cultor d'amor, ao Vate
 De Nasonia Elegia; aos sons piedosos
 Que o Ponto ouvir com dor, com magoa o Tibre;
 Versos propões Sarmático-Latinos,
 Versos, que inda ao borel, e ao clastro cheiram,
 E que, afrontoso a' ff, de applausos corôas,
 Só por distarem de teus versos pouco
 Sanguixuga de partidos Auctores,
 Que vais em cobre vil remir das Fendas,
 Em quanto palavroso impões aos nescios,
 E a credulo tropel roncando afirmaas
 Que revolveste; o que roças-te apenas:
 [Fallo das Artes, das sciencias fallo]

Em quanto a estatua da ignorancia elevas,
 Os dias eu consumo, eu vello as noites
 Nos desordenados indigentes lateres,
 Submisso aos Pados meus alli componho,
 A' pezada existencia honesto arrimo,
 Co'a mão que Phebo estende aos seus, a pouso:
 Alli deveres, que não tens, nem prezas,
 Com fraterna piedade acato, exerço:
 Cultivo affectos á tua alma extranhos,
 Dando á virtude quanto das ao vicio.
 Não me inviletes alli d'um Prade o culto,
 Alli me sforça o genio, o brio ás laas,
 Coração bemfazejo, e tanto, e tanto,
 Que a ti, seu depressor, protege, acolhe,
 Que em redondo caracter te propaga:
 A rapsodia servil, Poema intruso,
 Pilhagem que fizeste em mil volumas;
 Teu pejado armazem d'athetos fardos,
 Onde a monotonia os miche, os volves,
 E a teimoza apostrophe se esfalia,
 Já com os Ceus entendendo, já com a terra.
 Inda não me elevei do Pindo ao cume
 Com fama, que asseberbe os sumos Vates;
 Porém, graças ao dom que não desdouras,
 Com a birra 'stulta de emperradas provas,
 Vou sobranceiro a ti, de longe t'olho,
 E na publica voz, que se não merca,
 Elmano a Ciane aspira Elmiro é Ganço,
 E' Ganço que patinha, e se enlameia
 Em podres lodoçacs, paues do Lethes,
 A circulos pueris, a vãos Narcizos
 A Lucrecias n'asala, a Lais n'alcoba,
 E ainda ás Suias do tempo os bravos poupo:
 Insulso rimador de fachos, settas,
 Nugas não douro, não mendigo applausos.

De vacuas fronte, plagiaras linguas;
 Não sou nem d'improviso, e que és d'espago;
 Claró auditorio meu vingai-me a gloria;
 Vós, que em versos altisquos, mil vezes
 Me visteis ir voando ás fontes do estro,
 Dizei se me ausgiram Grecia e Roma;
 Nas promptas exultações do enthusiasmo,
 Se a razão, se a moral, se as leis, se a patria;
 Do metro destemido objectos foram;
 Ou das Marilias d'hoje o riso insulto;
 Dos olhos o commercio, e não das almas;
 O melindro sagaz, ligão materno;
 E a mercantil firmeza, e sem notada;
 Dizei... mas contra ti, sobejo Elmano
 Teus uivos, teus latidos não meisteram;
 Lou do novo Trifauce, Aleides novo,
 Anda não farto de errar e-las sombras;
 As tres gargantas levari d'un golpe;
 E se a canina apunha, sou sangue infesto;
 Monstro gerar, que multiplique a morte;
 Das Furias, ortigão das terras fontes;
 Braveja, detractor, subrepti infame;
 Arde, blasfema, e não se d'algo te sirva;
 Tenaz verdade, que te cón por dentro;
 A voz deprimas, o que admiras n'almas;
 E provas queres, ou te exhibo as provas;
 Do que o teu coração desdiz dos labios;
 Raze á mente o lugar, e a vez primeira;
 Im que, dado á testata, se curvo aos ferros;
 Ohaste, ouviste Elmano, e grande o urbeles;
 Quando ainda os voos tímidos saltava;
 A immensidade, gaul, que os Astros guia;
 Quando, não same por sistema o fugas;
 Mas só da Natureza endorecado;
 Guia o rasto de amargos Cisnes;

Pousando muito a quem do pólar que occupa;
 Ainda carecendo de iguaes fogaes, mas obrigando o
 Que á Patria deu Leandro, o Iguaçu, Medaçu,
 O astro dos Tupas, d'Amor, d'Argem,
 A historia, que o saber colleo d'Otúrio
 Na dicção narrativa, expecta, idonea,
 E' o mais ás Musas grato, e grato a Lisia;
 Da estancia, onde nem sempre habita o orlão,
 Epistola sem sab, por ti guizada,
 Em taes louvores inclita meuchoné;
 Versos escuta, que negar não podes;
 Estilo é teu, monotonia é tua;
 O que nelle se envolve escuta em premio
 Da empreza, que tomou de os perna mento
 » Do centro d'esta grata triste, e muda,
 » Eecundo Elmano, pelas Musas dedoz,
 » O prisioneiro Elzire te segda;
 » De teus aureos talentos encantado,
 » De ti só falla, só por ti respira;
 » Em teu divino capto arrebatado,
 Quem fértil homeaste, e quem divino
 Hoje é servil, monotono, infocando,
 De texto optimo interprete engolado;
 Co'a idade, e com o genio em todos creio
 Em mim desfalece, com a idade, e esodo
 Responde ao teu Juiz, ao não eterno,
 Réo de leza d'Amor, Traxer á Patria
 Nova fertilidade em plantas novai,
 Manter-lhe as flores, e conservar-lhe os frutos,
 Qaes heram no sabor, na tez, na forma,
 Sendo o tronco, a raiz, a copa, os mesmos,
 Sem que os estrangeiros desconheça o dono
 E' fadiga vulgar! Não tem mais prago
 Do que esse, que os carretos guilardos
 Do Gallego bugalhes farrapo hombroso

Vetter com melodia, ardor, pureza,
 O metro peregrino em Lusó metro
 Dos idiotismos aplanando o estro,
 D'um, d'outro idioma discernindo os genios,
 O caracter do texto expondo as glossas,
 Propreo tornando, e natural o alheio;
 E' ser Bugio, Papagaio, Elneiro?
 Confronta os originaes, e o par d'elles
 Verás se a Muza, que de rastos pinta,
 No voo altivo, o Salmopense attinge,
 Cast'elle transcenda, com Dellile ombreja:
 Citas um verso meu, mil bons não citas;
 Citas um verso meu, que queres transformar
 Em Matos os Jardins! E' natureza
 Estarem par a par espinhos flores:
 E não sabes, malevolo, que a regra
 Une a tenues objectos simples frates!
 Se imparcial, se critico esprevescas;
 Centenas d'aureos versos apontas;
 Sem de um só deduzir sentença iniqua:
 D'Auzonia o quadro, ou repesando, ou bello,
 Com justa sabia mão presentarias:
 Idades cento blazonando ao longe
 Com a ruina immortal de excelça Roma;
 Ante as aras carpindo amor, saudade
 E aos Ceus medrosas lagrimas furtando;
 Aos amigos dos homens, e aos dõs Nomes,
 Na terra verdejando. Ellisios novos
 Correntes sem remor como as do Letheo
 Os males na memoria adormecendo,
 E em marmores Corinthios alvejantes:
 O grande Raulson, e o grande Henrique
 Se o rival de Virgilio, o que proclamás,
 Por que de Gallia é filho, e não de Liria,
 A cujo ceio, em que brubham genios,

Chamas com lingua audaz esteril d'elles :
Se o rival de Virgilio ouvisse os versos
Do interprete fiel, não vil escravo,
Honra-te c'um sorriso uteis suores.
Pede ao molle Beluio anão de Phebo,
Ao que ergues uma vez, e mil derrubas,
Pede ao vampiro, que a ti mesmo, ha pouco,
Nas tendas, nos caffès, deveu sarcasmos,
Pede ao bom Melizen d'Arcadia Fauno,
De avelada existencia, e mente exausta,
Que affectas levantar, e astuto abates,
Que por arfeloia troca os sons d'Euterpe,
[Os sons da tua Euterpe, e não da minha]
Dize ao teu Choro de garganta indocil,
Sem que esqueça o pigmeu no corpo, e n'alma,
Dize dos Corvos d'Ullissea ao bando,
Que interprete qual fui d'eximios Vates,
Não pagos d'ir no rasto o vôo alteem,
Ou tu mesmo apresenta, off'rece a crise.
De gordo original versão mirrada,
Sulcando o Estacio teu d'unhadas minhas,
De muitas, que soffreste, e que aproveitas?
Nelle [ó desgraça! ó labéio!] por ti mudadas
A pompa na indigencia, o lucto em riso:
Mostra em teus versos as imagens tuas
Tibias, informes, incolhidas, mortas,
Desdentado Leão, Leão sem garras,
Que a longa idade succumbiu rugindo,
Mas Leão, que de perto inda é terrivel,
E que, no quadro teu, vale um Cordão.
Ousa mais, a Luziada não symas,
Que o numero de versos fez Poema,
Tal que seu mesmo pai sem dôr o enterra.
Expõe no Tribunal da Eternidade,
Munomentos d'audacia, não d'engenho;

O prologo alteroso, em que abocanhas
Do Luzo Homero ae veneraveis cinzas,
E não d'inepto, d'apoucado arguas
Quem, por que teme a queda, encolhe as ataz,
Que de efemeris vivas não contente
Chegado a mais que tu s'atreve a menos.
Nem somente Melpomne dispença
Grão nome, nem Cassiope somente;
Como os Voltaires na memoria vivem
La Fontaines, Chateaux existem n'ella:
Todos tem nome e grau, ta mesmo o dizes,
Contraditorio, humido verista:
Thema que escolhes, genero que abraças,
Não te honra, nem d'sluz; no desempenho
O lustre, a gloria estão; tem jus á fama
O Vate ou cante Herões, ou cant'Amores,
Com tanto que de Phebo as leis não torça,
Aos mui varios escriptos ajustadas.
Com a materia contém cazar o estio,
Levantar-se a expressão se é grande a idea;
Se a idea é negra a elocução negreje;
E tenne sendo se atenne a frase.
Segue o que tens de cõr, mas não pratticas,
Serás o que não és, o que não foste.
Quando das Muzas no Almanach... [ai triste
Que a par de seus irmãos morreu do traço]
Forjaste d'uma Freira equívoca Nissa,
Jacinta d'um Tristão fingiste azeza;
Chamaste grande armonico a Hieron,
Ao fiasco trovador, que em Papagaio
Transformaste depois; havendo impado
Com taverual chausura, alrive almogo
A expensas do estado Orango-Otango,
Que uma Serpe engordou cevando Elmiro.
Os teus vicios em rosto nos mais nulo lanças,

Tu Furia, tu Dragão, que entornas peste
Por sistema, por habito, por genio.
Os sete que detrais em que te agravam!
Querias, par a par, subir com elles
Nas azas do louvor a ignotos Climas?
Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste Catalani exala
Milagres de ternura, e d'armonia:
Sim, que disseras, se, ultrajando a scena
De roncanha bandurra um Biltre armado
Ante a assemblea estatica impingisse
Solfa mazomba, Hespanico Bolero?
Pois isto, ó Zoilo, tão improprio fôra
Como anexar teu nome aos sete, aos outros,
Que do silencio meu não enchem manchas,
Nem carecem de mim por si famosos,
Ha muito em ira eterna no polo erguidos.
Verdade, rectidão, vós sois meus numes.
Vê se as adoro, ó Zoilo, eu amo Alcino,
Filinto, Coriden, Elpino eu louvo,
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte,
Nas trovas para mim rehez Totmino.
Nos versos transcendentes me arrebató,
Prezo alumnos Phebeos, desprezo Elmiros:
D'alta justiça que mais prova exiges?
Tu, que de iniquo, e parcial me increpas,
Tu, que em vez de razões, opprobrios vibras,
Perante um Mundo que te sabe a historia,
Tu, que afficito á moral dos Tupinambás,
Tens ampla consciencia, onde amizade,
Onde amor, e outros vinculos sagrados
Sam nomes vãos, fantasticos direitos,
Tu... mas lingua de bronze, e voz de ferro
Mal de teus vicios a excepção seriam,
Indomito Moloso, ardido ex-Frade,

UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 01948 1947